

A espiritualidade, a justiça e a paz: caminhos para o diálogo inter-religioso no movimento pentecostal

Adriano Sousa Lima¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v11i33.42410>

Resumo: A espiritualidade, a justiça e a paz são elementos destacados no presente texto como fundamentos para o diálogo inter-religioso no pentecostalismo brasileiro. O objetivo é apresentar os elementos supramencionados como propositivos para que os cristãos pentecostais participem do diálogo inter-religioso. A partir da perspectiva de teólogos como Jürgen Moltmann e Michael Welker, o autor explica como os conceitos de espiritualidade, justiça e paz dialogam com a pneumatologia pentecostal. Tais conceitos, afirma o autor, estão relacionados com pessoas de diversas religiões, tornando-os fundamentais para o diálogo. Dessa forma, a conclusão não poderia ser diferente: a espiritualidade, a justiça e a paz são obras do Espírito de Deus e, portanto, fundamentos para o diálogo inter-religioso no pentecostalismo brasileiro.

Palavras-Chaves: Pentecostalismo; Espiritualidade; Justiça; Paz; Diálogo inter-religioso

Spirituality, justice and peace: pathways for inter-religious dialogue in the pentecostal movement

Abstract: The Spirituality, Justice and Peace are important elements in the present text as foundation for inter-religious dialogue in Brazilian Pentecostalism. The author presents the referred elements as propositional aspects regarding to participation in inter-religious dialogue. Based on the theologies of Jürgen Moltmann and Michael Welker the text explains how Spirituality, Justice and Peace dialogue with Pentecostal Pneumatology. The author states that these concepts are related to people from various religions, what turns them fundamental to the dialogue. Therefore, the text concludes that Spirituality, Justice and Peace are Spirit of God's deeds and grounding elements for inter-religious dialogue in Brazilian Pentecostalism.

¹ Doutor em Teologia (PUCPR). Docente no Programa de Pós Graduação (Mestrado Profissional) e na Graduação em Teologia da Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR) e no Centro Universitário Internacional UNINTER. Membro da Rede Latino Americana de Estudos Pentecostais (RELEP). Email: adriano.lima.66@hotmail.com

Key Words: Pentecostalism; Spirituality; Justice; Peace; Inter-religious Dialogue.

La espiritualidad, la justicia y la paz: caminos para el diálogo interreligioso en el movimiento pentecostal

Resumen: La espiritualidad, la justicia y la paz son elementos destacados en el presente texto como fundamentos para el diálogo interreligioso en el pentecostalismo brasileño. El objetivo es presentar los elementos anteriormente mencionados como propuestos para que los cristianos pentecostales participen en el diálogo interreligioso. A partir de la perspectiva de teólogos como Jürgen Moltmann y Michael Welker, el autor explica cómo los conceptos de espiritualidad, justicia y paz dialogan con la pneumatología pentecostal. Tales conceptos, afirma el autor, están relacionados con personas de diversas religiones, haciéndolos fundamentales para el diálogo. De esta forma, la conclusión no podría ser diferente: la espiritualidad, la justicia y la paz son obras del Espíritu de Dios y, por lo tanto, fundamentos para el diálogo interreligioso en el pentecostalismo brasileño.

Palabras clave: Pentecostalismo; espiritualidad; justicia; la paz; Dialogo interreligioso

Recebido em 17/04/2018 - Aprovado em 28/10/2018

Introdução

A palavra espiritualidade está presente no coração do pentecostalismo brasileiro. Essa palavra está diretamente ligada ao Espírito. Nas palavras de Moltmann, “espiritualidade” quer dizer literalmente “uma vida no Espírito de Deus, um intenso convívio com o Espírito de Deus” (MOLTMANN, 2010, p. 87). Nesse aspecto, antes de elencar especificamente os aspectos da espiritualidade pentecostal, a partir dos quais é possível estabelecer diálogo com outras religiões, é fundamental analisar, com Moltmann, alguns desvios de uma verdadeira espiritualidade, que afetaram algumas tradições cristãs. O teólogo alemão afirma que a palavra “espiritualidade” faz lembrar algumas formas e figuras em que a vida se apresenta. Nas suas próprias palavras:

“Espirituais” são consideradas as experiências de vida dos monges e freiras, que renunciam à “vida no mundo”. A “espiritualidade” é marcada por aqueles que se consagram ao “estado espiritual”, que vivem no celibato e na pobreza, e que para o seu “caminho de perfeição” se consideram obrigados aos conselhos evangélicos, isto é, ao sermão da montanha. As

experiências interiores de Deus que caracterizam sua vida estão muitas vezes ligadas à ascese, ao grande e ao pequeno jejum, bem como às horas tranquilas dedicadas à meditação e à contemplação. Se são estas pessoas e grupos que moldam o que nós chamamos de “espiritualidade”, com isto, ficam estabelecidas nítidas separações na vida de cada dia. O “estado espiritual” opõe-se aos leigos, à cristandade do mundo, às virtudes evangélicas, às virtudes dos cidadãos na sociedade. Por isso, muitas vezes gostamos de às experiências sensíveis contrapor as experiências espirituais. A mentalidade espiritualizada se ergue sobre a sensualidade carnal: aquela é interior, esta, exterior; aquela é profunda, esta superficial; aquela é reflexiva, esta não pensa em nada. A conversão real é substituída pela reflexão psíquica. Mas isto implica em que com esta espiritualidade se introduz na vida uma oposição que a divide e que lhe amortece a vitalidade (MOLTMANN, 2010, p. 89).

A concepção tradicional de espiritualidade no pentecostalismo é muito semelhante ao que Moltmann apresenta. No entanto, é preciso assinalar que tal perspectiva difere muito do que a Escritura apresenta a respeito de uma vida no Espírito. No Antigo e no Novo Testamento, o Espírito é a força da vida, produz vitalidade e proporciona possibilidades para que a vida seja vivenciada de forma intensa, amável e plena.

O texto apresenta três elementos pneumatológicos fundamentais e propositivos para o diálogo inter-religioso no pentecostalismo brasileiro: espiritualidade, justiça e a paz. O primeiro momento, será apresentado a perspectiva da espiritualidade pentecostal, que está relacionada de forma mais ampla com a vida, com o amor, com a convivência harmoniosa. Em seguida, será destacado a pessoa do Espírito Santo, como promotor da justiça e da paz. E, nessa caminhada pela justiça e pela paz, somos todos irmãos, porque somos humanos e desejamos viver em paz e sob a justiça.

A espiritualidade

A espiritualidade diz respeito ao amor pela vida. E aqui reside algo central pelo qual a espiritualidade é fundamento para o diálogo das religiões. Nesse aspecto, o teólogo brasileiro Elias Wolff está correto ao afirmar que “espiritualidade, diálogo e religião” são

três termos que se entrelaçam (WOLFF, 2015, p. 86). O Espírito de Deus é o Espírito da vida. O Espírito de Deus produz vitalidade, espiritualidade, amor pela vida. O amor pela vida, consequentemente, liga os homens entre si e a todos os demais seres vivos. A espiritualidade proporcionada pelo Espírito de Deus é, sobretudo, a afirmação plena e irrestrita da vida.

A espiritualidade é um tema central para a fé cristã e, consequentemente, para o pentecostalismo brasileiro. O objetivo nesse momento é demonstrar que a espiritualidade é fundamento para o diálogo das religiões. O caminho será o aprofundamento dos elementos elencados por Claudionor de Andrade, reconhecido teólogo pentecostal brasileiro. Através de um aprofundamento nos conceitos de “comunhão com Deus”, “serviço cristão” e “beleza da união entre os filhos de Deus”, bem como pela compreensão desses elementos em outras religiões (embora com linguagem diferente), a teologia pentecostal no Brasil poderá aprofundar ainda mais sua espiritualidade mediante o diálogo com outras religiões.

Comunhão com Deus no diálogo inter-religioso

Uma profunda comunhão com Deus é o caminho para uma verdadeira espiritualidade. Inicialmente, concordamos com Terrin que o termo “Deus” define a espiritualidade das várias religiões em qualquer nível. Para esse autor, é a partir do sentido que se atribui à transcendência, a Deus, ao Absoluto, que se diversificam os mundos religiosos (TERRIN, 2003, p. 92). A ‘comunhão com Deus’ é o que Otto chamaria de *fascinans*, o momento em que a pessoa vive uma forte experiência da presença e da aproximação com o Outro. Para Terrin,

Todas as religiões conhecem não apenas o momento místico como momento resplandecente de alegria e de serenidade espiritual, mas também aspectos mais imediatos e simples de espiritualidade religiosa em consonância com o próprio Deus, no louvor dirigido a ele e na descoberta dele na profundidade do próprio espírito, onde desde sempre está presente o divino, o qual, porém, precisa ser descoberto, encontrado, reencontrado (TERRIN, 2003, p. 92).

De acordo com o autor, a busca pelo momento de “comunhão com Deus”, com o Transcendente, com o Absoluto, está presente em todas as religiões. Todas as religiões têm seus momentos místicos, que buscam uma aproximação maior do Transcendente, do

sentido maior de sua existência. E aqui reside a riqueza e a beleza das diversas espiritualidades. Quando se conhecem de perto essas riquezas, não é possível imaginar que as outras espiritualidades são obras do diabo. E, assim, é preciso ficar claro que Deus não pertence a nenhuma religião exclusivamente, mas se doa ao máximo em todas elas, a partir de uma busca sincera. Dessa forma, a pergunta de Andrade (2008, p. 42) “por qual Deus anseia a nossa alma?”, pode ser assim respondida, como ele sugere no primeiro momento: que a alma humana anseia pelo Deus que se revelou por intermédio de Jesus, fazendo apenas um acréscimo: que esse mesmo Deus está presente em todos os seres humanos e não em uma religião particular.

Duas questões ainda podem ser destacadas aqui. Em primeiro lugar, a teologia cristã sempre deixou claro que a comunhão com Deus passa obrigatoriamente pela comunhão com o próximo, ainda que esse próximo seja o estrangeiro, o samaritano. Para ter comunhão com Deus, é necessário ter comunhão com o próximo. Em segundo lugar, como bem expressou Andrade, “aqueles que mantêm comunhão com Deus, agem em profunda atitude de oração”. A oração é um caminho para a espiritualidade. Por isso, a oração e meditação fazem parte das diversas religiões com suas respectivas espiritualidades. Nessa perspectiva, é absolutamente possível afirmar que os pentecostais podem orar pela paz entre os cristãos, pela paz entre as diversas religiões e pela paz no mundo. Uma atitude de oração em comum contribui para o enriquecimento da espiritualidade.

Serviço cristão como contribuição para o diálogo inter-religioso

Nesse aspecto, é possível tomar a ideia de “Reino de Deus” que Andrade usou para enfatizar a importância do engajamento dos pentecostais em direção a uma espiritualidade verdadeira. O serviço cristão, que tem como objetivo a promoção do Reino, pode de fato ser uma valiosa contribuição para o diálogo inter-religioso. Para isso, apresentamos a definição de Reino de Deus, fornecida por Edward Schillebeeckx (1997, p. 151):

Reino de Deus é a presença de Deus entre os homens, presença salvífica, ativa e encorajadora, afirmada e acolhida alegremente pelos homens. Presença salvífica oferecida por Deus e livremente afirmada pelos homens, que se torna concretamente visível na justiça e em relações de paz entre homens e povos, no desaparecimento de doenças, injustiças e opressões, em novidade de vida, que expelle tudo o que estava morto e

era mortal. Reino de Deus é nova relação de conversão (metanóia) do homem a Deus, cujo lado palpável e visível é novo tipo de relações libertadoras entre os homens em vida em comum reconciliada em ambiente natural pacífico. Reino de Deus é a presença de Deus no mundo, reveladora e portadora de salvação [...] Reino de Deus é ‘reino de homens’, reino humano, em contraposição aos reinos do mundo, que em Dn 7 são indicados por símbolos de animais como reinos do poder do mais forte. Reino de Deus é a eliminação do doloroso contraste entre governantes e governados (também quando Deus é visto como governante tirânico deste tipo) (SCHILLEBEECKX, 1997, p. 151).

Essa definição do teólogo holandês pode aprofundar o conceito pentecostal de “Reino de Deus”, abrindo para uma política social e, conseqüentemente, ampliando os horizontes do serviço cristão, que comporta um serviço evangélico em favor de uma humanidade melhor. É o teólogo pentecostal brasileiro David Mesquiati quem destaca que o compromisso com o Reino de Deus “aparece concretamente como serviço, como diaconia. É ajuda desinteressada, motivada pelo genuíno amor ao semelhante. E mais que filantropia e ação social. É doação da própria vida” (OLIVEIRA, 2014, p. 50). O “Reino de Deus”, entendido profundamente, diz respeito a todos os seres humanos, todas as culturas e religiões. Dessa forma, todas as vezes que os cristãos e as pessoas de outras tradições religiosas trabalham juntos pela causa dos direitos humanos, da libertação integral dos que vivem oprimidos, estão trabalhando pela promoção do Reino de Deus e estão construindo juntos esse Reino na terra, mas cujo fim último é a felicidade plena de todas as pessoas. Por isso, é possível afirmar com Jacques Dupuis que

Provavelmente nada fornece ao diálogo inter-religioso uma base teológica tão profunda e uma motivação tão verdadeira quanto a convicção de que, apesar das diferenças que os distinguem, aqueles que pertencem às diversas tradições religiosas caminham juntos – membros coparticipantes do Reino de Deus na história – rumo à plenitude do Reino, rumo à nova humanidade querida por Deus para o fim dos tempos, da qual eles

são chamados a ser co-criadores com Deus (DUPUIS, 1999, p.474).

Por todas essas considerações, não é necessário negar nem tampouco desconsiderar a singularidade e a identidade do cristianismo e, em particular, do pentecostalismo. Mas é igualmente possível afirmar que, a partir mesmo do serviço cristão, compreendido como engajamento em prol do Reino de Deus, o pentecostalismo pode viver uma espiritualidade profunda que dialoga com outras tradições religiosas, pois, afinal, o Deus do Reino é símbolo de abertura e não de fechamento.

A beleza da união como fundamento para a verdadeira espiritualidade

A beleza da unidade é elemento fundamental para uma verdadeira espiritualidade no pentecostalismo. Sem a comunhão, afirma Andrade, “não pode haver cristianismo” (ANDRADE, 2008, p. 119). Embora a perspectiva de Andrade aponte exclusivamente para a união cristã e especificamente para o pentecostalismo, é possível aprofundar a análise deste conceito com a finalidade de se compreender como a união pode ser elemento promotor da comunhão entre diferentes religiões. Considerando importante para compreensão do termo “espiritualidade pentecostal” transcrevo a definição apresentada pelo Dicionário do Movimento Pentecostal:

Espiritualidade refere-se a um grupo de atitudes e sentimentos que são externados pela crença e valores que caracterizam uma comunidade religiosa específica [...] A espiritualidade como a percepção da devoção é, contudo, originária da tradição pentecostal. Os pentecostais usam mais facilmente o adjetivo “espiritual” do que o substantivo abstrato. Eles mais facilmente falam das pessoas como espirituais ou não espirituais do que dos frutos ou conduta delas [...] Em seu uso pentecostal, a espiritualidade admite graus por meio dos quais se avalia maior ou menor “consagração” do crente (ARAÚJO, 2014, p. 287).

A busca pela unidade com outras tradições religiosas deve tornar-se uma decorrência da espiritualidade pentecostal. As Igrejas pentecostais, que tanto enfatizam o poder do Espírito derramado sobre a primeira geração dos cristãos, deverão ter sempre em mente o convite para viver unidos “no ensinamento dos Apóstolos” (Atos 2,42). O

sentido último da espiritualidade cristã é Cristo, fundamento da fé de todos os cristãos, e Este (o Cristo) não está dividido. A espiritualidade pentecostal deverá estar enraizada na vida, comprometida com a vida para promover a vida, e vida plena, inclusive da graça. O contexto de sofrimento, pobreza, injustiça e exclusão incomoda a todos, inclusive e principalmente os cristãos. Qualquer espiritualidade que não se incomoda com o sofrimento humano é uma espiritualidade não cristã, além de cínica. A partir da compreensão de uma espiritualidade engajada, diferentes igrejas pentecostais poderão dialogar com outras religiões. A “beleza da união” precisa ser ecumênica, ou jamais será bela e muito menos bíblica.

Como é perfeitamente perceptível, a espiritualidade cristã deve sempre ser compreendida em harmonia com a Sagrada Escritura. Conforme os pontos elencados acima, a espiritualidade, que não é reduzida a uma autoexperiência mística, mas precisa estar integrada à vida social, é dado constitutivo do diálogo inter-religioso. Nas palavras de Moltmann, “a alma do indivíduo, destacada do corpo e isolada da comunidade, primeiramente tem que se corporificar e socializar novamente para conhecer a Deus da maneira como Deus a conhece”. O mesmo teólogo ainda adverte: “Não existe uma mística da alma sem a mística de uma comunidade” (MOLTMANN, 2010, p. 97). A comunhão da comunidade consigo mesma e, conseqüentemente, com outras comunidades e outros irmãos e irmãs que não estão ligadas a nenhuma comunidade, é constitutiva de toda espiritualidade bíblica.

A espiritualidade, como se pode ver, está no coração de cada religião. Todas as religiões deverão buscar incessantemente a beleza da unidade entre os seres humanos. Esse elemento fundamental para uma autêntica espiritualidade é também critério decisivo para a autenticidade da própria tradição religiosa. Por isso, por um lado, é digno de nota que o pentecostalismo valoriza tanto o tema da espiritualidade, por outro lado, é importante que o mesmo pentecostalismo comece a introduzir na sua compreensão de espiritualidade, e a partir de sua dinâmica interna, elementos ecumênicos e inter-religiosos. O diálogo com outras religiões, tais como o Judaísmo, Islamismo, Hinduísmo, Umbanda, Candomblé, entre outras, não vai fazer com que o pentecostalismo perca sua identidade, pelo contrário, vai contribuir para o aprofundamento e enriquecimento da sua espiritualidade. Na diversidade das espiritualidades acontecem o crescimento espiritual, a beleza da unidade, a promoção da paz, que é um mandamento central no evangelho.

Na pneumatologia pentecostal reside um sólido convite a uma vida subordinada ao Espírito Santo. Ora, viver segundo o Espírito de Deus,

Implica lutar pelos meios da vida, pela saúde, pela terra
para a produção, pela moradia, pelo saneamento básico,

pela segurança, pela educação mínima. Não se pode ter verdadeiro amor à vida nem ser fiel aos sussurros do Espírito, sem defender essa causa e saber sofrer por ela, no espírito das bem aventuranças. Essa urgência não pode simplesmente ser relegada ao Estado e às suas políticas sociais. É um desafio a todos os humanos e muito mais aos que creem no Espírito da Vida (BOFF, 2013, p. 221).

Esse Espírito ao qual Boff se refere é o Espírito que atuava no meio do povo de Israel, é o mesmo Espírito que desceu sobre a comunidade no dia de Pentecostes, o mesmo Espírito que inspirou os jovens missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren a virem para o Brasil e realizarem uma missão que, anos mais tarde, se tornaria uma importante Igreja pentecostal brasileira, as assembleias de Deus. É esse mesmo Espírito que produz uma espiritualidade inserida na realidade histórica. A espiritualidade que reflete desde a perspectiva integral sobre a beleza da unidade, a comunhão e o serviço, será uma espiritualidade bíblica, uma espiritualidade promovida pelo Espírito Santo e, portanto, uma espiritualidade do compromisso com a vida, com a justiça, com o amor, com a paz. E, parafraseando Boff, esse é um desafio de todos os seres humanos e muito mais dos pentecostais, que creem fervorosamente no Espírito da vida. A espiritualidade pentecostal assume o mais sublime de todos os compromissos cristãos, a saber: o compromisso com a vida, espiritual, sim, mas também biológica. Moltmann assinala com razão: “Quanto mais forte se torna a vontade para a vida, tanto mais intensamente ela haverá de experimentar a resistência dos instintos da morte. Quanto mais sensíveis os homens se tornam para a felicidade da vida tanto mais eles sentem a dor pelos fracassos da vida” (MOLTMANN, 2010, p. 100). Embora o teólogo de Tübingen não destaque o lado dramático da vida, sua percepção demonstra o valor da espiritualidade. Ser espiritual é ser comprometido com a vida, dom de Deus, vida corporal, vida espiritual. Tem razão Elias Wolff ao afirmar que “a espiritualidade é uma chave ou um caminho imprescindível para o encontro das religiões” (WOLFF, 2015, p. 89). Ainda Wolff assinala:

Sendo a espiritualidade o vínculo das três dimensões constitutivas de uma religião, ela é também o elemento que possibilita o encontro mais profundo entre as religiões. As religiões procuram orientar o desenvolvimento espiritual de seus membros,

discernindo o Espírito em seus espíritos. Como esse Espírito não se limita a nenhuma religião exclusiva, a espiritualidade pode ser fator de aproximação entre as religiões que n'Ele se reconhecem — ela tem uma dimensão relacional, ecumênica, inter-religiosa (WOLFF, 2015, p. 95).

Se outra coisa não for suficiente para que homens e mulheres de diferentes religiões possam dialogar, que a espiritualidade, alinhada com o compromisso com a vida e a forte vontade de fazer a vida acontecer de forma plena, possa nos colocar em diálogo, independente das nossas convicções religiosas. Os pentecostais sabem que viver no Espírito é viver contra tudo que desumaniza o ser humano. Viver no Espírito é trabalhar todos os dias pela libertação integral daqueles que se encontram nas margens da sociedade. Vida no Espírito, sob essa perspectiva, é vida em diálogo com nossos irmãos e irmãs de outras comunidades cristãs e de outras religiões. É possível (e necessário) iniciar desde os cursos de formação cristã (Escola Dominical, Catequese, etc), ensinando o respeito, a tolerância e o diálogo com aqueles que pensam diferente.

O diálogo inter-religioso, quando feito a partir da identidade da fé, é um elemento importante e indispensável para a espiritualidade pentecostal. Importante porque promove o crescimento, fortalece a identidade, produz a unidade, diminui a violência, promove a paz no mundo. Indispensável porque a verdadeira espiritualidade exige o diálogo, a cooperação e a convivência entre diferentes tradições religiosas. Não haverá espiritualidade integral e plena no pentecostalismo sem a riqueza do diálogo com as outras religiões.

A justiça e a paz: elementos em comum no diálogo das religiões

O que se tem demonstrado ao longo dessa pesquisa são elementos pneumatológicos que contribuem efetivamente para a participação dos pentecostais no diálogo das religiões. São elementos suscitados pelo Espírito de Deus que promovem a unidade entre pessoas de diferentes comunidades de fé na busca de uma sociedade melhor, de uma convivência harmoniosa, de respeito, tolerância, justiça e paz. Os dois últimos aspectos serão objetos de dedicação nesse momento da pesquisa. O teólogo protestante alemão Michael Welker, na sua obra “O Espírito de Deus – Teologia do Espírito Santo”, dedicou-se a analisar esses aspectos pneumatológicos.

Welker se dedica a refletir sobre “o prometido Espírito da justiça e da paz”. Ele lembra que o Espírito de Deus foi originalmente experimentado como uma força que supera a ruína do povo e sua impotência política. Por essa razão, o teólogo alemão vai

ênfatar que o Espírito não é apenas numinoso, mas é sobretudo, um poder que transforma condições reais de vida. Isso é perceptível de forma ainda mais clara com as tradições que falam do Espírito como promotor da justiça e da paz. Fundamentando-se em textos bíblicos como Is 11.1ss; 42.1ss e 61.1ss, o autor analisa a ação do Espírito de Deus que se dá num contexto concreto e de forma concreta. O portador do Espírito é sim possuidor de poder e autoridade. Nesse sentido, Welker está de acordo com a teologia pentecostal assembleiana, como das demais tradições cristãs, que também enfatiza a autoridade e o poder na vida do portador do Espírito. No entanto, Welker vai afirmar que esse poder e autoridade que o portador do Espírito possui

residem no fato de promover e difundir universalmente o direito, a misericórdia e o conhecimento de Deus. Todos os três textos, aliás, que tratam do descanso e da permanência do Espírito sobre o eleito de Deus não falam somente de direito, de misericórdia e de conhecimento de Deus, mas sobre a estreita relação entre essas três grandezas. Direito, misericórdia e conhecimento de Deus – ora, esses são os três elementos funcionais da lei de Deus (WELKER, 2010, p. 100).

O teólogo alemão enfatiza que o eleito de Deus é alguém que promove o direito, a misericórdia e a justiça. Aqui reside uma valiosa contribuição de Welker para a pastoral pentecostal, bem como para as demais igrejas que professam a fé em Cristo. Como já foi dito, a teologia pentecostal reconhece (embora nem sempre a enfatize) essa perspectiva do Espírito, como aquele que promove a justiça, o direito e a misericórdia. Falta essa ênfase da presença mais concreta do Espírito em meio à realidade da vida. Como já mencionado, essa ênfase precisa aparecer nos textos formativos, nos cursos para lideranças, literaturas de fácil acesso para os membros das comunidades, entre outros caminhos.

A teologia pentecostal das assembleias de Deus brasileira (não apenas desta, mas das outras igrejas cristãs) ganharia muito em assumir a “pneumatologia realista” de Welker e enfatizar o Espírito como promotor da justiça e da paz. A consciência de que uma piedade orientada pelo Espírito Santo não pode produzir relacionamentos públicos e comunitários sem a realização do direito e da misericórdia deve conduzir a pastoral das igrejas cristãs a explorar mais essa dimensão da realidade. A perspectiva de Espírito de Deus como promotor da justiça e da paz precisa aparecer com clareza nos manuais de

pneumatologia das assembleias de Deus, bem como de todas as igrejas que professam a fé no Deus Espírito. Enfatizar essa perspectiva vai aprofundar a compreensão do Espírito de Deus e trazer uma enorme contribuição para a vida da comunidade. A relação com Deus depende dessa compreensão e vivência. Em última instância, como afirma categoricamente Welker, “um povo no qual não reinam nenhum direito e nenhuma misericórdia distorce e destrói a relação com Deus” (WELKER, 2010, p. 102). De fato, como é possível perceber já nas tradições proféticas, o culto é relativizado e esvaziado diante da injustiça e da ausência de paz. Os pentecostais possuídos pelo Espírito sempre procuram viver de acordo com os valores da justiça. Welker adverte:

O portador do Espírito traz justiça. Ele julga, decide o que é justo; justiça é o cinto dos seus lombos; ele julgará com justiça. Essa justiça é de um tipo especial. O portador do Espírito não julga segundo o que parece aos seus olhos, nem segundo o que ouve outros dizerem, mas julga com justiça os desamparados, decide a favor dos pobres da terra. Ora, isso significa que o portador do Espírito relaciona jurisdição com misericórdia. Não que ele colocasse misericórdia no lugar da jurisdição. Ele julga e estabelece a justiça. O portador do Espírito não moraliza às custas da cultura legal, p.ex., ele não desenvolve, à margem do direito, uma série de regras de exceção em favor dos fracos. Deve-se fazer justiça aos fracos, e o direito deve estar preparado para oferecer proteção aos fracos. O portador messiânico do Espírito preserva e cuida da difícil relação entre direito e misericórdia. Justamente assim ele estabelece justiça. O portador do Espírito, no entanto, não traz justiça somente relacionando estreitamente diretamente direito com misericórdia. Is 11.6ss descreve um estado de paz universal, que até inclui os animais e termina com a promessa de que não se fará mais nenhum mal e não haverá mais nenhum delito, por estar a terra repleta do conhecimento de Deus (WELKER, 2010, p. 102).

A partir de uma reinterpretação cristã como esta, cada cristão precisa ter certa identificação com o portador do Espírito apresentado por Isaías. Nesse aspecto, cada

membro do corpo de Cristo deverá se deixar dominar pelos traços característicos do portador messiânico do Espírito. Portanto, é cada vez mais necessária uma pneumatologia que explore e desenvolva as características apresentadas pelas tradições proféticas para referir-se aos que possuem o Espírito de Deus, sobretudo, àquelas que apontam para a dimensão da justiça e da paz.

O texto clássico do Antigo Testamento sobre o derramamento do Espírito Santo é Joel 2. 28-32:

28: E acontecerá, depois, que derramarei o meu Espírito sobre toda carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões;

29: Até sobre os servos e sobre as servas derramarei o meu Espírito naqueles dias.

30: Mostrarei prodígios no céu e na terra: sangue, fogo e colunas de fumaça.

31: O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue.

32: E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo; porque, no monte Sião e em Jerusalém, estarão os que forem salvos, como o Senhor prometeu; e, entre os sobreviventes, aqueles que o Senhor chamar (BÍBLIA SAGRADA, 2007).

O texto supramencionado é muito conhecido de todos os pentecostais. É tema de grandes eventos nas comunidades. Trata-se de um texto clássico sobre o derramamento do Espírito de Deus, que tem propósitos bem definidos. Já chama a atenção o Espírito que desce sobre “toda carne”. Para Welker, é “o que mais chama a atenção inicialmente” (WELKER, 2010, p. 130). Num contexto em que o Espírito descia preferencialmente sobre reis, profetas e sacerdotes, em Joel, homens e mulheres, servos e servas, jovens e idosos, são igualitários. Essa é uma ação direta do Espírito da justiça, que não privilegia alguns grupos em detrimento de outros. Welker chama a atenção para esse dado fundamental:

Esse traço fundamental da ação do Espírito, que nos é familiar, experimenta uma purificação e ampliação, uma vez que se potencializa a sensibilidade para com privilégios e discriminação em relação à diferença entre

homens e mulheres de uma maneira especial e em relação às diferenças entre as gerações de uma maneira geral. Seria errado inferir da enumeração de homens e mulheres, idosos e jovens, filhos e filhas, livres e servos nada além de um conceito abstrato de unidade (todos) e concluir que se quer apenas que, de alguma forma, reine “igualdade” na comunidade. É de suma importância reconhecer que a promessa encerra e leva a um enorme passo além de todas as comunhões, que tem, é verdade, interesse em “igualdade” nas quais, porém, só um determinado grupo define como a unidade e a igualdade devem ser entendidas na prática. Ora, a promessa não permanece menos sensível a diferenças naturais, mas abusivas entre as pessoas, do que a diferenças erigidas de forma injusta. Ela não ignora as múltiplas tensões e também não a transitoriedade. A comunhão do recebimento do Espírito deve emergir das diferentes experiências de Deus e percepções da realidade (WELKER, 2010, p. 131).

O teólogo alemão destaca um aspecto importante para essa pesquisa, que nem sempre os pentecostais enfatizam quando estudam o texto bíblico mencionado. Embora ainda deva ser analisado com mais detalhes, o recebimento do Espírito de Deus, além de promover justiça e igualdade, promove comunhão. Esta, lembra Welker, “deve emergir das diferentes experiências de Deus e percepções da realidade”. É basicamente esse aspecto que a pesquisa busca fundamentar, o Espírito de Deus como promotor da unidade, derrubando quaisquer tipos de divisão. A descida do Espírito de Deus “sobre toda a carne” diz respeito diretamente a esse projeto do Reino, cujo objetivo final será sempre a unidade. A descida do Espírito de Deus enfatiza ainda que “Deus” está sobre a vida frágil e desprovida de forças físicas, intelectuais, políticas e econômicas. É o Deus Espírito que está presente e dá voz àqueles que não têm voz. Esse projeto do Espírito envolve todas as pessoas. Onde houver alguém discriminado e rejeitado por não ter voz, espaço, ou possuir qualquer tipo de deficiência, a Igreja, no poder do Espírito, deverá trabalhar pela integral libertação e promoção da vida de tais pessoas.

É exigência do Espírito de Deus a sensibilidade da comunidade com as diferenças. Nesse aspecto, lembra Welker:

A sensibilidade para com diferenças entre pessoas é mais uma vez intensificada. Compreendem-se de maneira mais exata as desigualdades típicas e a gama de conflitos ligada a essas, pontos de partida para o estabelecimento e fortalecimento de condições injustas. Diante disso não se reclama uma igualdade abstrata, mas se aponta para a igualdade concreta e múltipla da carnalidade diante de Deus. Nossa carnalidade é revificada, pelo Espírito, a comunhão profética, obrigatoriamente diversificada. Quando o Espírito de Deus é derramado, as diferentes pessoas e os diferentes grupos de pessoas vão desvendar entre si e para si a presença de Deus (WELKER, 2010, p. 132).

O Espírito de Deus sensibiliza as pessoas e as convida para um compromisso na luta contra as injustiças. Esse compromisso, por sua vez, deverá ser concreto, com os pés na realidade. Não se deve buscar a Deus nas nuvens, no numinoso, no abstrato. A presença de Deus é derramada quando diferentes pessoas engajam-se na luta pela paz e pela justiça. É essa a realidade da qual trata o texto de Joel. O Espírito de Deus é parceiro nesse projeto. É justamente por isso que os pentecostais brasileiros (da América Latina e demais Países do mundo) deverão participar de forma ativa e concreta de atividades que tenham como finalidade a promoção da justiça e da paz, pois trata-se de um projeto do Reino de Deus.

A presença de Deus por meio da ação do Espírito, conforme a profecia de Joel, demonstra ainda que a ação do Espírito não está atrelada a local de culto e reunião cultural. Na ação do Espírito, “Israel é reunido dentre os povos; pela ação do Espírito são curados os desanimados e os de coração quebrantado. Pela ação do Espírito, filhos e filhas, idosos e jovens, servos e servas são capacitados para a profecia em Israel” (WELKER, 2010, p. 135). É no cotidiano da vida que a ação do Espírito vai sendo realizada. Em meio aos conflitos da vida diária, a presença do Espírito tem como finalidade unir pessoas e criar relações harmoniosas entre elas. Mas, afinal, o que significa essa presença do Deus Espírito, a que Joel está fazendo referência?

A presença prometida e concentrada de Deus em meio à realidade revelada profeticamente de forma pluralista, segundo a promessa de Joel, significa em primeiro lugar: toda pessoa que se tornou co-participante do

derramamento do Espírito está em condições de receber e transmitir o conhecimento profético, pode perceber e mostrar a outros a desunião, a miséria das pessoas, bem como suas correspondentes causas. Toda pessoa que se tornou coparticipante do derramamento do Espírito pode ver e fazer ver o que Deus faz junto aos desunidos membros do seu povo, a fim de não curá-los só a si próprios, mas juntá-los em apoio recíproco e vivificá-los de forma nova. A presença concentrada e prometida de Deus em meio à realidade revelada profeticamente de forma pluralista significa em segundo lugar: com base na ligação entre a presença de Deus e uma determinada plenitude e pluralidade dos testemunhos proféticos inspirados pelo Espírito, a reunião, edificação e vivificação de toda a comunidade ricamente diferenciada e de seus membros não saem mais de foco (WELKER, 2010, p. 135).

Como Welker observa, essa presença de Deus revelada de forma pluralista faz com que as pessoas percebam a desunião. Ao perceber esse fato, a missão é lutar contra toda forma de desunião. Não importa qual a procedência. Qualquer tipo de desunião será sempre contra o Espírito de Deus. A convivência harmoniosa, que promove justiça e paz entre as pessoas será sempre o objetivo final do Espírito de Deus e, conseqüentemente, de cada membro do corpo de Cristo. A união e a convivência harmoniosa entre as pessoas, com o objetivo de promover a paz e a justiça, não deverá deixar de ser o foco do pentecostalismo brasileiro.

A justiça e a paz são elementos eminentemente pneumatológicos que dizem respeito a todos os seres humanos. O texto de Isaías 11 destaca que a justiça trazida pelo portador do Espírito é constituída e reconhecida universalmente (WELKER, 2010, p. 104). Em outro momento, o mesmo Welker lembra que “o portador messiânico do Espírito, sobre quem repousa o Espírito de Deus, visa um estado de paz universal, trazendo o cumprimento da lei, instituindo o direito (...) não só em Israel, mas também entre os povos” (WELKER, 2010, p. 112). Não apenas a teologia, mas todas as outras ciências trabalham para uma sociedade onde reinem verdadeiramente a justiça e a paz. É uma busca constante de cada ser humano, independentemente da religião que professa. É a luta constante das ONGs, das comunidades, de todas as pessoas do bem.

Conclusão

A espiritualidade é um patrimônio de todas as religiões. No tempo atual se fala inclusive em pessoas que não possuem religião, mas tem espiritualidade. Portanto, é fundamental compreender que a espiritualidade, enquanto patrimônio de todas as pessoas, constitui elemento fundamental no diálogo inter-religioso. Conhecer as diversas espiritualidades proporcionará aos pentecostais um significativo crescimento e fortalecimento de sua identidade.

Por outro lado, quem se atreveria a rejeitar um convite para ingressar na luta contra a violência e contra a injustiça? Rejeitar esse convite é dizer não à vida e aos maiores desejos e necessidades da sociedade atual. Qualquer religião, organização, ciência ou quaisquer outros grupos que se recusam a participar da luta por justiça e paz dificilmente poderiam justificar sua existência no mundo. Portanto, a paz e a justiça, na medida em que são elementos pneumatológicos, são valores teológicos para que todos os cristãos, inclusive os pentecostais, de que aqui tratamos, se engajem no diálogo das religiões.

Uma “pneumatologia realista”, como a de Welker, pode enriquecer a pastoral pentecostal na medida em que entende que ser possuído pelo Espírito Santo é ser comprometido com a justiça, com a espiritualidade e com a paz. A igreja torna-se então uma comunidade empenhada com a autotransformação e a auto-renovação. Será uma comunidade cheia do Espírito Santo porque é comprometida com a justiça e com a paz, com a misericórdia e com o direito. Comprometida com uma espiritualidade inclusiva. Sem esses elementos, não é possível pensar o convívio humano. Por isso, não é também possível pensar a relação com Deus. São dimensões que estão profundamente relacionadas.

Bibliografia

- ANDRADE, Claudionor de. *As verdades centrais da fé cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- BOFF, Leonardo. *O Espírito Santo: Fogo interior, doador da vida, e Pai dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- DUPUIS, Jacques. *Rumo a uma teologia do pluralismo religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- MOLTMANN, Jürgen. *O Espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis, Vozes, 1999.
- OLIVEIRA, David Mesquiati de. *Eis-me aqui Senhor!* Disponibilidade como chave missionária: São Leopoldo: Sinodal, 2014.

_____. *Diálogo e Missão nos Andes: um estudo de teologia da missão latino-americana*. São Paulo: SP: Garimpo, 2016.

SCHILLEBEECKX, Edward. *A história humana – Revelação de Deus*. São Paulo: Paulus. 1997.

TERRIN, Aldo Natale. *Introdução ao Estudo Comparado das Religiões*. São Paulo: Paulinas, 2003.

WELKER, Michael. *O Espírito de Deus*. A Teologia do Espírito Santo. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

WOLFF, Elias. Elementos para uma espiritualidade do diálogo inter-religioso. In: *Pistis e Práxis*, número 1, volume 7, p. 81 – 111 jan – abr 2015.

_____. *Espiritualidade do diálogo inter-religioso*. Contribuições na perspectiva cristã. São Paulo: Paulinas, 2016.